Maria José de Santana

Sou Maria Marta, a quinta filha de Pedro e Maria. Segundo a Maria mãe, todas as vezes que ela engravidava depois do segundo filho, que tinha sido mulher, a Tecla Maria, ela sempre queria que nascesse um homem, pois assim fecharia a fábrica, do jeito que começou, mas, que nada. Nasceu outro homem, que infelizmente faleceu nos seus braços, depois outra mulher, outra, e outra e finalmente, nasceu eu, na maternidade São Vicente de Paulo, Jaguaribe, em João Pessoa, Pb. E, diga-se de passagem, em berço de ouro, a melhor fase na vida dos nossos pais. Eu não lembro, é claro, mas, dizia a Maria mãe, que Maria Marta era muito chorona e que pra se ver um sorriso na minha boca, era coisa difícil demais... Talvez, por isso, hoje eu tenha o sorriso solto. Tentaram tanto me fazer rir, que ficou na mente e hoje, eu rio atoa, rindo...

Pois bem, estou aqui para falar de um momento especial com ela, Maria mãe, que eu amo tanto. Tivemos um relacionamento muito tumultuado, porque eu tinha um gênio que ela parecia não entender. A minha curiosidade infinita a assustava e talvez por ela ter tantos filhos, não dava tempo pra responder todos os meus questionamentos. Enfim, cresce e chegou a hora de eu me afastar da família. Lembro do meu casamento como se fosse hoje, eu não queria me casar vestida de noiva, mas, por ela, fiz o sacrifício. Também não queria me casar de branco, mas, de tanto que ela insistiu, eu mandei fazer um vestido branco e amarelo, da cor do sol. Comprei o tecido e minha vizinha, amiga da família, Ozita, costurou e me deu de presente. Não queria fazer festa, mas, devido a insistência da família, me organizei para receber os convidados no salão da igreja. Pronto, tudo em ordem para o casamento acontecer e aconteceu. Num dia de muita chuva e com atraso de uma hora do padre, enfim, nos casamos.

Uma semana depois, viajamos pra Barra Bonita, São Paulo. Por seis meses não nos falamos, só o Gilberto chegava com notícias, pois na época não tínhamos telefone em casa. Naquele dia, eu acordei com muita vontade de falar com todos e fui a uma cabine de telefone para fazer uma ligação. Sim, naquela época, tínhamos que ir à telefônica para ligar para alguém, porque até os orelhões, não faziam ligações para outro estado.

A lembrança que eu tenho desse dia é muito marcante. Quando a telefonista passou a ligação para mim, minha mãe estava na linha e pela primeira vez, tivemos uma conversa civilizada, rindo... E naquele dia ouvi da boca dela que sentia muitas saudades de mim, que a casa tinha ficado vazia, que o meu sorriso, que alegrava a casa, estava fazendo muita falta. Disse que meu cantar entoava em seus ouvidos e tinha a sensação que eu sempre estava por perto e que ela já não dançava mais com ninguém, risos... (todos os dias que eu chegava da escola eu ligava o rádio bem alto, agarrava ela e a fazia dançar...). Enfim, pela primeira vez eu ouvia da minha mãe que eu fazia falta pra ela e até hoje, esse momento me emociona. Pela primeira vez me senti, verdadeiramente, amada. Ela me pediu perdão por tantos momentos que poderíamos ter vivido intensamente e finalmente eu percebi que ela apenas não tinha tempo pra mim e que ela também me amava, só não tinha tempo pra ficar falando, porque sempre tinha um menor pra cuidar ( depois de mim, mais duas mulheres e um homem).

Depois desse dia, nunca mais brigamos. Quando eu voltava a João Pessoa, era sempre tão lindo... Ela fazia tudo que eu gostava e o tempo inteiro queria conversar, saber das minhas conquistas, etc. Desde a nosso conversa que eu percebi e aprendi, que não precisamos ficar o tempo inteiro falando do amor que sentimos, mas, precisamos dar segurança a esse amor e levei como exemplo pra vida. Amar e falar que ama. Quem quiser que saiba aproveitar o momento.

Se eu for falar dos belos momentos que vivemos juntas depois daquele papo, acabaria escrevendo um livro, então, vou parando por aqui, risos...